

GLOBALIZAÇÃO, SOCIEDADE DE RISCO E A CULTURA DO MEDO: reflexões sobre a modernidade tardia
GLOBALIZATION, RISK SOCIETY AND THE CULTURE OF FEAR: reflections on late modernity

Adriana Kunen¹

Hieda Maria Pagliosa Corona²

Nilvania Aparecida de Mello³

RESUMO: A globalização representa um conjunto complexo de processo em constante desenvolvimento e expansão, desde o momento em que iniciou. Esse fenômeno abrange a integração em escala mundial das relações socioespaciais, econômicas e culturais, promovendo transformações na estrutura social. Este estudo busca explorar as interconexões entre riscos e incertezas no contexto da globalização, fundamentando-se nas teorias de Frank Furedi (2002, 2006) sobre a cultura do medo e das teorias de Ulrich Beck (2002, 2011) e Anthony Giddens (1991, 1998) sobre individualização, sociedade de risco e incertezas da modernidade tardia. A partir desses autores, busca-se compreender as transformações sociais, políticas e culturais, especialmente as formas como ameaças socioeconômicas e ambientais afetam a vida cotidiana na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Modernidade. Risco. Medo. Individualização. Globalização.

ABSTRACT: Globalization represents a complex set of processes in constant development and expansion, since the moment it began. This phenomenon encompasses the integration of socio-spatial, economic and cultural relations on a global scale, promoting transformations in the social structure. This study seeks to explore the interconnections between risks and uncertainties in the context of globalization, based on the theories of Frank Furedi (2002, 2006) on the culture of fear and the theories of Ulrich Beck (2002, 2011) and Anthony Giddens (1991, 1998) on individualization, risk society and uncertainties of late modernity. Based on these authors, we seek to understand the social, political and cultural transformations, especially the ways in which socio-economic and environmental threats affect everyday life in contemporary society.

Keywords: Modernity. Risk. Fear. Individualization. Globalization.

¹ Doutoranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Mestre em Engenharia Civil (UTFPR). Graduada em Arquitetura e Urbanismo. E-mail: adrianakunen@gmail.com

² Professora Permanente e Bolsista-sênior (Fundação Araucária/SETI/PR e Capes), do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGDR-UTFPR). Pós-doutorado em Desenvolvimento Socioambiental pelo Ladyss/Paris X e Pós-doutorado em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Sociologia pela UFPR. Graduada em Ciências Sociais pela UFPR. E-mail: hiedacorona@hotmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGDR-UTFPR). Pós-doutorado em Filosofia da Ciência pela Université Joseph Fourier (França). Doutora em Ciência do Solo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Agronomia pelo Departamento de Solos e Engenharia Agrícola da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Agronomia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: nilvania@utfpr.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem sua genese no contexto das discussões suscitadas pelas docentes da disciplina de “Epistemologia Sociambiental” do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), durante aquele semestre. As escolhas teóricas para esta discussão, em suas maioria, foram os que embasaram os estudos e discussões na referida disciplina. Portanto, o tema central proposto para este estudo, consiste em abordar alguns aspectos do arranjo da sociedade atual. Para esta reflexão, recorreu-se às noções das teorias de Ulrich Beck de sociedade de risco e incerteza (BECK, 2011) e individualização (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002), a Terceira Via de Anthony Giddens (1998), a incerteza no mundo moderno reflexivo (GIDDENS, 1991), e a teoria da cultura do medo de Frank Furedi (2002, 2006) que, segundo o autor domina nosso cotidiano. Neste cenário, os conceitos explorados por estes autores, revelam o escapismo, autopreservação, deslocamento social, apatia política e identificação híbrida, esta última significando as classificações sociais e famílias em constante mudança que estão substituindo a antiga estrutura social, revelando os diferentes aspectos da sociedade de risco.

Conforme argumentam os estudiosos da sociologia Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2002), a controversa década dos anos noventa começou com o colapso do Muro de Berlim em 1989, o que promoveu alterações em âmbito ideológico e de visão de mundo de uma geração, a qual percebeu que até as barreiras impenetráveis feitas pelo homem, podem cair (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002). Uma série de outras oscilações políticas e sociais que ocorreram não muito antes da queda do Muro de Berlim, como o advento da globalização e o crescimento da economia de mercado livre, sinalizaram o início de uma nova era. No contexto das mudanças históricas, Beck argumenta que tanto a globalização quanto o mercado livre são fenômenos de longa data, embora suas configurações tenham sido significativamente transformadas ao longo do século XX, especialmente no período pós-Segunda Guerra Mundial. Além dessas mudanças, o mundo experimentou a predominância de inseguranças sociais devido a individualização, que resultaram em mudanças econômicas, culturais e sociais subjacentes. Com a individualização, observa-se uma reconfiguração das ideologias hegemônicas, o que leva o indivíduo a desenvolver uma nova

consciência crítica sobre as circunstâncias sociais, econômicas e políticas em que vive. Ao separar o indivíduo de seu conjunto de crenças, as ideologias hegemônicas são desagregadas para formar uma nova consciência sobre as circunstâncias sociais, econômicas e políticas da sociedade em que se vive. Deste modo, com base nos autores mencionados e os estudos por eles desenvolvidos, o presente artigo foi realizado com base na revisão da literatura, o qual visa contribuir não apenas para o campo da sociologia, mas na compreensão dos aspectos da sociologia e das teorias da sociedade do medo, risco e individualização. O artigo está estruturado em três seções, a primeira compreende a parte introdutória, a seguinte aborda o desenvolvimento teórico, com os tópicos que discutem os conceitos de Riscos e Incertezas da sociedade pós-moderna no tempo da globalização, o conceito de Cultura do Medo, a Individualização e suas circunstâncias e por fim apresenta a seção com as considerações finais.

1 RISCOS E INCERTEZAS

O conceito de risco se tornou uma terminologia chave para definir e caracterizar as sociedades ocidentais desde a publicação de Beck em *Risk Society: Towards a New Modernity* (Sociedade de risco: rumo a uma nova modernidade), originalmente publicado em alemão no ano de 1986 e inglês em 1992. Para Beck (2011), o entendimento sobre o conceito de risco não se refere ao risco tradicional e pessoal que todos enfrentam no dia a dia, como o risco de abrir um novo negócio ou citando o exemplo de Beck de partir para descobrir novos países ou continentes - como fez Cristóvão Colombo. Em vez disso, o autor fala sobre os riscos globais que resultam do aumento da industrialização, do desenvolvimento da fissão nuclear, da ameaça de guerra atômica e assim por diante. Beck denota esses tipos de riscos como "riscos da modernização" que, segundo ele, causam danos "irreversíveis" ao mundo e muitas vezes permanecem "invisíveis" para aqueles que são indiretamente afetados por eles. Beck (2011, p. 21) de forma objetiva, define risco: "como uma forma sistemática de lidar com perigos e inseguranças induzidos e introduzidos pela própria modernização".

No processo de industrialização, Beck (2011) afirma que o bem estar da natureza e da saúde humana não é o único componente da sociedade que está em jogo, mas também

“as consequências sociais, econômicas e políticas desses efeitos colaterais, como mercados em colapso, desvalorização de capital, verificação burocráticas nas decisões das fábricas, abertura de novos mercados, custas gigantescas, processos judiciais e perda de prestígio” (BECK, 2011, p. 24). Embora a teoria de risco e incerteza de Beck primeiro enfatize os riscos atribuídos aos desenvolvimentos industriais, como um analista social ele demonstra, principalmente, os impactos desses desenvolvimentos nas estruturas políticas, econômicas e sociais e na formação das sociedades industriais. Os riscos não envolvem apenas lutas e problemas individuais que as pessoas devem superar particularmente. Os riscos apresentam dimensões sociais e podem expor as pessoas a perigos mais diferentes do que esperam. Esses riscos contemplam desde desastres tecnológicos, políticos ou naturais, que podem afetar uma ampla gama da população e, quando ocorrem, ainda desencadeiam sensações de insegurança e paralisação. Para definir como as sociedades na vida moderna estão potencialmente submetidos a riscos dos mais variados tipos, Beck (1999) faz uma distinção entre "primeira modernidade" e "segunda modernidade" ou "modernidade reflexiva". A distinção que Beck faz é baseada nos diferentes padrões de vida que cada uma das sociedades nessas duas fases da modernidade seguem: na primeira modernidade, as pessoas estão preocupadas com “padrões coletivos de vida, progresso e controlabilidade, pleno emprego e exploração da natureza”; por outro lado, a segunda modernidade trata de “globalização, individualização, revolução de gênero, subemprego e riscos globais” (BECK, 1999, p. 2). O autor acredita que a noção de controlabilidade do primeiro cenário descrito traz segurança e certeza para consigo mesmo, mas o que define a segunda modernidade é justamente o seu oposto: o risco e a incerteza na vida cotidiana do indivíduo.

A natureza dinâmica da sociedade moderna induz a destruição e a reprodução das estruturas sociais dentro dessa sociedade. Nesse ciclo, a estrutura coletiva fraca é substituída por uma organização mais individualizada, na qual as pessoas estão mais preocupadas com seus próprios assuntos pessoais, mais egocêntricas e autocentradas (BECK; GIDDENS; LASH, 1997). Isso significa que os fatores que causam danos à sociedade industrial não são o resultado de forças externas, como revolução, crise, invasão ou guerra, mas o próprio processo de modernização tido como "normal e autonomizado". Ele deve, portanto, ser reconhecido como uma nova etapa, em que o progresso pode se transformar em autodestruição, em que um tipo de modernização enfraquece e muda outro, caracterizando

o que Beck denomina por estágio de modernização reflexiva (BECK, 1999; BECK; GIDDENS; LASH, 1997). No entanto, Beck se refere a este processo como o processo de desencaixe e reincorporação: se a modernização simples significa, no fundo, “primeiro o desencaixe e segundo o reencaixe das formas sociais tradicionais, então a modernização reflexiva significa primeiro o desencaixe e, segundo, o reencaixe das formas sociais industriais por outra modernidade” (BECK, GIDDENS; LASH, 1997, p. 12). É importante ressaltar que a palavra desencaixe foi cunhada pela primeira vez por Giddens em “*The Consequences of Modernity*”, referindo-se ao deslocamento de valores tradicionais como consequência da globalização e modernização. Em suas palavras, é entendido por desencaixe, o deslocamento “das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1990, p. 21).

Deste modo, o desencaixe ou a correspondência dissonante, por assim dizer, de incontáveis relações no contexto contemporâneo é acentuada pelos avanços científicos, pela instauração constante de novas trocas simbólicas e pela heterogeneização da percepção do tempo. O distanciamento da compreensão da maioria dos indivíduos acerca do processo ou da própria ocorrência de ações necessárias ao cotidiano atual como, por exemplo, das trocas monetárias predominantemente realizadas por meio de recursos digitais pouco palpáveis, imputam constantes abstrações para grande parcela da população. Tal dinâmica implica a alteração da confiança de sistemas concretos – conhecidos pela massa, para sistemas abstratos comandados por um número restrito de peritos (GIDDENS, 1990). A incerteza e a ambivalência se tornam, assim, categorias do cotidiano, reivindicando níveis de confiança constantemente ampliados. Se por um lado, os sistemas peritos permitem maior conforto e proporcionam possibilidades nunca antes concebidas, por outro, criam efeitos impremeditados que podem levar à destruição da estrutura social ou, em última instância, da vida humana nos termos conhecidos. Os riscos da modernização tornam-se riscos sistemáticos em que cada pessoa às vezes é causa e às vezes efeito. Nesta sociedade de risco, o sistema atua dentro e por meio dos indivíduos, e os indivíduos são as rodas do veículo pelo qual o sistema se dirige para a modernização. Portanto, “as causas gotejam em um amálgama geral de agentes e condições, reações e contrarreações, o que traz certeza social e popularidade ao conceito de sistema” (BECK, 2011, p. 33). Embora os riscos sejam criados localmente e surjam em uma área específica dependendo da ação arriscada realizada (como

uma fábrica construída na margem de um rio, poluindo o ar e a água simultaneamente), eles tendem a se tornar globais. Isso se deve ao grande avanço da globalização, ampliando a essência dos riscos. Por conseguinte, gradualmente esses riscos perdem sua urgência com o tempo, à medida que as pessoas se conscientizam de sua falta de capacidade de eliminar as causas. Em uma sociedade movida pelos impulsos criados pelos riscos diários (que estão mudando de forma e prioridade), a reação das pessoas também transita constantemente da histeria para a indiferença e vice-versa.

A ênfase analítica de Beck (2011) nas mudanças sociais emergentes durante a década de 1980 é colocada nas sociedades ocidentais e especificamente na Alemanha, uma vez que ele usa suas circunstâncias como casos exemplares para esclarecer suas teorias. Tal como o efeito bumerangue trazido por ele dos produtos químicos agrícolas sobre os camponeses e consumidores alemães, os efeitos colaterais dos poluentes industriais na saúde dos cidadãos alemães, o impacto da modernização na classe social, entre outros vários casos presentes em suas outras obras. No entanto, desde o amplo desenvolvimento da globalização durante a década de 1990, resultando na disseminação da industrialização para as sociedades não ocidentais, as teorias de Beck não limitavam mais a um único país ou continente. Inevitavelmente, na sociedade de risco mundial, os riscos e inseguranças colocam em perigo uma gama mais ampla de indivíduos, uma vez que, como afirma Beck (1999, p. 3), isso retrata:

[...] a disseminação do setor informal e a flexibilização do trabalho, a desregulamentação legal de grandes áreas da economia e das relações de trabalho, a perda de legitimidade do Estado, o desemprego e subemprego, a intervenção mais contundente das corporações multinacionais e as altas taxas da violência e do crime todos os dias.

Vinculando suas teorias ao *status* do mundo, Beck e Grande (2007) discorre sobre diferentes formas de riscos que criaram uma nova ordem em nossos sistemas sociais, riscos como terrorismo, crise financeira e mudança climática global. A abordagem de Giddens (1998) em relação ao conceito de globalização econômica e transformação cultural contrastam com a abordagem de Beck especificamente devido às narrativas distintas de suas respectivas teorias. O foco de Beck é definir os novos termos que ele introduz (termos com os quais ele descreve as condições de vida na segunda modernidade) e também explorar os problemas que as sociedades enfrentam no período de globalização. Em contraste, Giddens

rebate a passividade do risco exposta no trabalho de Beck sugerindo um envolvimento ativo com questões que Beck associa à sociedade de risco, tentando encontrar alguns remédios para lidar com os atributos das sociedades de risco. Em *The Third Way* (GIDDENS, 1998, p. 64), afirma que “a política da terceira via deve ter uma atitude positiva em relação à globalização” e dá alguns exemplos da essência dos problemas que estão induzindo as pessoas a agirem sobre os fatores de risco. Ele destaca o papel dos pesquisadores, cuja discordância causou um grande problema para os formuladores de políticas que foram apresentados a "conjuntos de descobertas pouco claras" que incorporam "conclusões ambíguas" e "interpretações contestadas". Giddens, então, sugere que:

A tomada de decisões nestes contextos não pode ser deixada para os ‘especialistas’, mas tem de envolver políticos e cidadãos. Em suma, a ciência e a tecnologia não podem ficar fora dos processos democráticos. Não se pode confiar que os especialistas saberão automaticamente o que é bom para nós, nem sempre podem nos fornecer uma verdade inequívoca; eles devem ser chamados a justificar suas conclusões e políticas em face do escrutínio público (GIDDENS, 1998, p. 59).

Para Giddens, a capacidade de agir do indivíduo na sociedade é influenciada pela dialética da dualidade da estrutura contra o dualismo da ciência moderna. A ação social configura o fluxo contínuo de ações pessoais no mundo, sustentado por uma cognição reflexiva, que é parcialmente condicionada pela estrutura – representada pelas instituições, por exemplo. Apesar de deterem uma preponderância significativa no âmbito das ações pessoais, as estruturas não são imutáveis, ou seja, ambos componentes da dialética se influenciam mutuamente. Considerando as transformações discutidas até aqui, a reprodução social se modifica constantemente e, assim, tem a capacidade de movimentar as estruturas (GIDDENS, 1998). Giddens (1998) argumenta, ainda, que se faz necessário parar de ver “a globalização como uma ameaça à integridade nacional e aos valores tradicionais”, em vez disso, sugere que devemos ser capazes de dominar o "uso de ferramentas da modernidade para lidar com a vida em um mundo 'além da tradição' e 'do outro lado da natureza', onde risco e responsabilidade têm uma nova mistura" (GIDDENS, 1998, p. 68).

O autor segue afirmando que os riscos que colocam nosso mundo em perigo começam com o controle da globalização sobre a vida social, política, cultural e econômica das pessoas “[...] viver numa era global significa enfrentar uma diversidade de situações de

risco” (GIDDENS, 2007, p. 45). Giddens (1999) acredita que, no final do milênio, a propagação das mudanças globais em todos os aspectos sociais das sociedades ocidentais e não ocidentais remodelarão as vidas de uma forma que cada vez mais será distante o controle individual sobre a vida econômica e política. Semelhante à noção de risco de Beck, Giddens separa o risco do perigo que sempre ameaçou os seres humanos ao longo da história. A nova forma de risco é a consequência das ações humanas, que Giddens define como risco "fabricado", em comparação com o risco "externo". Os riscos fabricados referem-se a perigos que são ativamente avaliados em relação às possibilidades futuras, em contraposição aos riscos externos como inundações, pragas ou fome que sempre foram a principal preocupação da cultura tradicional, uma vez que “a certa altura - muito recentemente em termos históricos - passamos a nos preocupar menos com o que a natureza pode fazer por nós, e mais com o que temos feito com a natureza” (GIDDENS, 1999, p. 3).

Giddens (1999) mais uma vez tenta definir o escopo dos riscos que colocam a vida humana em risco e, mais importante, questiona o valor dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos na promoção e ampliação das ameaças às nossas vidas. Como ele afirma a cada dia, a cada segundo, os resultados de um novo experimento são revelados para mostrar o quanto se corre o risco de, por exemplo, acelerar o aquecimento global (do qual muitos cientistas continuam a duvidar da existência), ou mesmo sobre a qualidade da alimentação diária e suas consequências para a saúde futura. Permitir a todos a oportunidade de viver suas vidas com base em revelações científicas diárias pode significar manter os indivíduos em um estado de incerteza no longo prazo. Como afirma Giddens (1999, p. 3) “uma sociedade de risco é uma sociedade onde vivemos cada vez mais em uma alta fronteira tecnológica que ninguém entende completamente e que gera uma diversidade de futuros possíveis”. Refletindo sobre a aplicação moderna tardia da ciência e tecnologia, Giddens introduz duas grandes transformações que, por sua vez, resultam na sociedade de risco, sendo essas transformações "o fim da natureza" e "o fim da tradição". Embora Beck e Giddens tenham atitudes e perspectivas teóricas diferentes em relação à noção de sociedade de risco, ambos compartilham a ideia de que a incerteza sobre o que a sociedade come, bebe e faz, assim como o medo de perder o emprego, o medo do futuro financeiro e a insegurança dos meios de subsistência, representam aspectos inevitáveis e indissociáveis das sociedades modernas tardias. Assim, o estado de insegurança moderna não é mais uma questão

ecológica ou um termo político usado para conscientizar e, às vezes, preocupar-se com o futuro que nos espera. Em vez disso, tornou-se um estado de espírito, uma fase permanente da personalidade do ser humano moderno tardio, uma força que determina as ações futuras dos indivíduos na sociedade, em última instância, uma cultura do medo, a qual será abordada a seguir.

2 CULTURA DO MEDO

A palavra medo atualmente é usada em muitos contextos diferentes. O “medo” está se tornando uma meta-terminologia para coisas que não se entende, coisas pelas quais tem-se ansiedade, que se detesta ou se tem desprezo e isso cria uma espécie de paranóia, para a qual o medo se torna uma palavra de ordem. O medo não é uma reação a algo perigoso ou arriscado, mas um elemento de interpretação da vida: “tornou-se um idioma cultural por meio do qual se sinaliza uma sensação de crescente inquietação, quanto ao nosso lugar no mundo” (FUREDI, 2006, p. vii). O fato das pessoas terem medo de algo indica que estão cientes e não apenas com medo. Elas estão se preparando conscientemente para encontrar uma maneira de se proteger da causa do medo, tornando-se avessas ao risco. Como resultados dessa consciência, os indivíduos são mais inclinados a construir percepções particulares que moldam suas ações e julgamento das coisas. Furedi (2006) aponta que os humanos na era moderna estão ocupados com medo do futuro, medo de perder, medo dos outros, medo de correr um risco, medo da solidão, medo de envelhecer. Este é o medo de poderosas forças destrutivas que despertam a humanidade e a preocupa mais do que antes. Dessa forma, a força destrutiva é o próprio humano. O humano tem medo de si mesmo e do poder que as pessoas têm em sua capacidade de cometer atrocidades e hostilidades, portanto, as histórias assustadoras que continuamente transmitimos uns aos outros, indicam que a sociedade se sente desconfortável consigo mesma e tem pouca fé nas pessoas (FUREDI, 2006).

Esse estado de medo ou receio do que nos cerca, não ocorre apenas quando as pessoas estão experienciando contextos hostis, como conflitos pessoais diários ou em casos mais graves, como a guerra. Em vez disso, também se estende às relações do dia a dia, nas quais afetos como o amor, a maternidade e as amizades, estão envolvidos. Nessas

circunstâncias, é ainda mais provável que corram o risco de perder a fé um no outro e sentir-se desconfortável se torna um traço particular de uma cultura de medo que está inserida na vida cotidiana (FUREDI, 2006). Furedi questiona a tendência dos acadêmicos, de associar o medo do risco às relações amorosas, trazendo um estudo realizado por Zusman e Knox em 1998, onde a pesquisa mostra que os estudantes universitários devem ser avisados sobre a “potencial desvantagem de estar apaixonado”, já que “em nome do amor” os jovens tentam experimentar um “comportamento de risco” (FUREDI, 2006). A cultura do medo, como destaca Furedi (2006), surge em resposta aos riscos amplamente discutidos neste estudo, representando uma reação interpretativa da sociedade moderna às incertezas da vida cotidiana. Esse tipo de pesquisa reflete sobre o fato de que questões como amor e afeto, que deveriam estar associadas à segurança e integridade em primeiro lugar, são mostradas pelos autores como uma ilustração da aversão endêmica ao risco, que Furedi localiza na sociedade contemporânea. Furedi enfatiza que risco não representa mais o medo de morrer em um acidente, ao contrário, está associado a contrair hepatite conversando com um amigo, ou a morrer em um ataque terrorista fazendo compras. Furedi (2006, p. 27) define o novo conceito de risco em relação a sociedade moderna:

A discussão contemporânea é melhor expressa através da conceituação de estar ‘em risco’. A maneira nova e original de enquadrar o termo é tão difundida que é fácil ignorar o fato de que só recentemente o risco foi pensado dessa forma. Estar em risco é um conceito ambíguo. É usado para denotar que certos tipos de pessoas são particularmente vulneráveis a um perigo. As crianças em risco geralmente estão associadas a um estilo de vida específico. Também representa uma declaração sobre o ser humano. Seu leque de opções e seu futuro são circunscritos pela variedade de fatores de risco que os afetam.

Com os debates sobre os vários riscos que cercam a vida cotidiana na sociedade pós-industrial, parece impossível resistir ao medo que paira sobre a mentalidade social coletiva. Além dos assustadores riscos da industrialização e modernização, é perceptível uma nova onda de receio representado pelo medo da criminalização, onde o crime torna-se mais uma parte indissociável da vida contemporânea. A consciência do medo do crime resulta em um “comportamento de evitar o crime, tornando-se uma dimensão diária de nossas vidas e parte integrante de como se gerencia os negócios” (FUREDI, 2006, p. 3). Tal cenário torna essa

cultura do medo uma questão importante na vida contemporânea, tornando-o uma forma dinâmica e flutuante, que é distinta da forma anterior. Como afirma Furedi (2006, p. 4) “hoje o medo tem um caráter imprevisível e flutuante. Um dia se teme crimes com armas de fogo, uma semana depois a atenção é atraída para roubo de carros [...] na contemporaneidade, o medo migra livremente de um problema para outro, sem necessidade de conexão causal ou lógica”.

Em complemento a esta lista de medos, pode-se acrescentar os receios atribuídos a várias pesquisas científicas não confiáveis, que visam os hábitos de consumo diário das pessoas, redirecionam a cultura do medo para a sociedade de risco e insegurança. Por causa do rápido ritmo de desenvolvimento das capacidades científicas dos avanços humanos e da ampla acessibilidade do público aos resultados extraídos desses avanços, ninguém pode evitar a sensação de medo que é seguida por saber mais do que o necessário para viver uma vida normal (FUREDI, 2006). A crescente facilidade de acesso das pessoas à internet e às agências de notícias, desempenha um papel significativo no arranjo atual da sociedade, à medida que a distribuição de relatórios negativos e muitas vezes perturbadores sobre o estilo de vida e comportamentos de risco envolvidos em ações cotidianas, assumem uma amplitude generalizada. Na era pré-digital, havia muito menos canais disponíveis através dos quais as pessoas pudessem consumir notícias, canais que pudessem informá-los sobre ameaças diversas, por exemplo, de problemas ambientais, que colocavam em risco suas vidas e o futuro de seus filhos. Outro resultado encontrado é de que as pessoas passam a não confiar mais em ninguém e temer tudo, tal como o cinismo em relação aos políticos e uma apatia política geral que, na visão de Furedi (2005), começou a dominar a vida do indivíduo moderno nas últimas três décadas. Em *Politics of Fear* - Política do Medo, Furedi discute as circunstâncias que levaram a essa apatia que ele acredita ser resultado do esgotamento político (FUREDI, 2005). Com o avanço da apatia política, as pessoas perderão a esperança de que qualquer mudança ocorra e, portanto, serão tentadas a evitar assumir a responsabilidade pelas futuras decisões que terão de tomar. Como sugere Furedi, sociólogos como Giddens e Norris acreditam que ser antipolítico é, para essas pessoas, uma forma de ser pró-ativamente político. Giddens (2002) defende a ideia afirmando que perder a fé na política e em seu potencial como vetor de mudanças pode ter como motivador a rejeição de um partido político específico.

No entanto, Furedi se opõe a essa ideologia antipolítica, referindo-se a ela como uma situação em que se atribui o futuro ao destino. Para ele, isso representa uma visão pessimista em relação à vida, especificamente a vida política e social e é por isso que “hoje, o idealismo e as esperanças das pessoas raramente são investidos em uma crença na mudança política, e os indivíduos raramente desenvolvem suas identidades por meio de alguma forma de apego político” (FUREDI, 2005, p. 30). A apatia política pode ser relacionada à teoria de individualização. Giddens (2002) é altamente otimista em relação às novas formas de engajamento político contemporâneo, os quais podem ser exemplificados pela assinatura de uma petição online, ou se tornarem membros de grupos de autoajuda e movimentos de protesto, que estão crescendo a cada dia. Giddens acredita que a prática dessas formas de engajamento, representa um alto nível de desenvolvimento democrático e fornece ao indivíduo opções mais práticas para se envolver em atividades políticas de qualquer tipo (GIDDENS, 2002). Decorrente disso, essas novas abordagens às questões políticas e sociais apenas apoiem formas passivas e fragmentadas de engajamento público, dando às pessoas a oportunidade de agir em particular, sobre uma determinada questão. Isso por sua vez, muitas vezes leva a priorizar o bem estar pessoal sobre o nacional, em vez de se mover com os outros em direção a um objetivo comum. Em vez de considerar o próprio ato de participar nos movimentos sociais, como um “meio para um fim, ele se torna um fim em si mesmo” (GIDDENS, 2002, p. 46).

3 INDIVIDUALIZAÇÃO

O que a individualização da nova era moderna ou a “segunda” modernidade está enfrentando aparentemente difere de como o mesmo conceito era compreendido cem anos atrás. De acordo com Beck e Beck-Gernsheim (2002, p. xiv), individualização como conceito:

É uma atividade encenada diariamente. A sociedade moderna existe em sua atividade de “individualização”, tanto quanto as atividades dos indivíduos consistem na remodelação diária e renegociação de seus compromissos mútuos que é chamado de “sociedade”. Nenhum dos dois parceiros fica parado por muito tempo. E assim, o significado de “individualização” continua mudando, assumindo formas sempre novas - à medida que os resultados acumulados de sua história passada definem regras sempre novas e resultam em desafios sempre novos.

Em busca da autonomia, o indivíduo corre o risco de assumir total responsabilidade por seus próprios atos. No passado, as pessoas faziam parte da instituição e a instituição fazia parte da sociedade. Porém, com a individualização da modernidade tardia, a instituição é a sociedade e o indivíduo é a própria instituição, aquele que deve cooperar, vencer, agir, decidir e competir para continuar pertencendo ao ciclo da vida. Isso se assemelha à sociedade de risco tratada nas seções anteriores, que é a principal questão discutida neste artigo do ponto de vista de uma nova geração que está lidando com os conflitos decorrentes do modo de vida que levam. Como argumenta Arnoldi (2009, p. 52), um “imperativo social”, não uma decisão a ser tomada. A instabilidade consistente da vida moderna é inevitavelmente experimentada por todos os membros de qualquer sociedade ao lado da busca por autoidentidade, como descrito por Giddens:

[...] a modernidade é uma ordem pós-tradicional, em que a pergunta 'Como vou viver?' Tem que ser respondida nas decisões do dia-a-dia sobre como me comportar, o que vestir e o que comer - e muitas outras coisas - bem como interpretado dentro do desdobramento temporal da identidade própria (GIDDENS, 1991, p. 14).

Para Beck (2011) a nova forma de individualização é outra consequência da sociedade de risco, a distribuição do risco depende muito da classe e, portanto, em uma sociedade governada pelo risco, o conflito de classes aumenta inevitavelmente. Para esclarecer, Beck sugere que os riscos da modernização criam desigualdades, nas quais indivíduos com mais recursos podem se proteger, enquanto os menos favorecidos permanecem vulneráveis, ampliando as divisões sociais. Seguindo nesta discussão, Beck (2011, p. 87) apresenta seus argumentos sobre a individualização como consequência da modernização, afirma que os riscos globais da industrialização se sobrepõem aos “riscos e inseguranças sociais, biográficos e culturais”. Consequentemente, surge uma interação recíproca e uma interconexão entre a modernidade reflexiva, o indivíduo reflexivo e a estrutura social reflexiva, por assim dizer. A modernidade reflexiva traz uma nova forma de compreender e agir em relação às estruturas sociais, classes sociais, laços familiares, conflito de gênero, casamento, paternidade e, em troca, a influência dessas estruturas sociais recém-reformadas sobre o indivíduo pode ser superada por sensibilidades mais individualistas e modos de conduta cotidiana (BECK, 2011).

Nesse sentido de individualização, em que o *self* é libertado de qualquer categorização tradicional de grupos sociais, é preciso tornar-se o centro da própria vida para poder sobreviver, pois a classe social não é mais um forte determinante de identidade, estilo de vida e pertencimento (GIDDENS, 1991). Economicamente, as distinções de classe, em relação à desigualdade e à insegurança, se tornam ainda mais visíveis na era da segunda modernidade, em comparação com a primeira modernidade. Consequentemente, o indivíduo tende a perder quaisquer “vínculos com uma classe social” à medida que “recua misteriosamente para o segundo plano das ações das pessoas” (BECK, 2011, p. 88). Em outras palavras, a luta de classes na segunda fase da modernidade não é mais compartilhada entre os grupos sociais como costumava ser anteriormente, mas se torna uma preocupação individualizada para aquele que é liberado para escolher seu estado de pertencimento a um grupo social, por isso se torna uma luta pessoal para obter segurança e estratificação individualizada. As desigualdades sociais não são dissolvidas neste sistema de classes sociais pós-industrial do capitalismo tardio e curiosamente “enfrenta-se cada vez mais o fenômeno de um capitalismo sem classe, mas com desigualdade social individualizada e todos os problemas sociais e políticos relacionados” (BECK, 2011, p. 88).

Como qualquer outra mudança sistemática na estrutura de uma nação, a individualização ocorre devido a diferentes dimensões, baseadas na estrutura do precursor. Nas teorias de Beck sobre a individualização do mercado de trabalho, em comparação com a individualização da burguesia que derivou essencialmente da luta dela própria, para estabilizar seu poder social e político no sistema feudal essas dimensões têm origem no próprio mercado de trabalho, educação, mobilidade e competição. Na opinião de Beck, no processo de modernização o sistema educacional, como outras instituições sociais, precisa mudar a fim de ser capaz de conspirar na promoção da agenda da modernização. Com o objetivo de tornar o indivíduo um agente da modernidade reflexiva, “dependendo de sua duração e de seus conteúdos, a educação possibilita, pelo menos, certo grau de autodescoberta e reflexão” (BECK, 2011, p. 93). Por outro lado, o mercado de trabalho estabelece que a pessoa entre com ansiedade no processo de seleção de uma futura carreira, de modo que esteja protegida de qualquer “mobilidade descendente” (BECK, 2011, p. 94). Uma vez que a pessoa é inserida no mercado de trabalho, ela se familiariza com as condições competitivas de um mercado que é consequência da mobilidade das demandas que o mesmo

mercado impõe aos indivíduos (BECK, 2011). Nesse ambiente, o sistema educacional, a mídia e, acima de tudo, as próprias estruturas sociais, como a família, os grupos sociais e o sistema de classes em constante mudança, envolvem-se na disseminação da individualização reflexiva, intensificando ainda mais a situação em que o indivíduo se afoga profunda e reiteradamente em seu próprio mundo orientado para si mesmo. Para resumir a visão de Beck (2011) sobre a individualização, a sua principal preocupação concerne aos danos do novo sistema social imposto aos indivíduos. Em concordância Arnoldi (2009, p. 51) coloca:

Não há dúvida de um maior grau de liberdade neste desenvolvimento, mas também há novas pressões e armadilhas porque a individualização não significa que, digamos, a desigualdade social seja diminuída - significa apenas que os recursos coletivos para lidar com a desigualdade social não são mais lá. Isso também indica por que a noção de individualização de fato não está tão distante do risco, precisamente porque a individualização leva ao que Beck chama de risco biográfico.

Entendendo a individualização como um aspecto direto da globalização, Giddens (1998) aborda referido conceito, institucionalizado em Beck, de um ângulo diferente. Em sua opinião, a nova individualização começa pelo fracasso em retratar o indivíduo "egoísta" nas teorias da economia neoliberal. Portanto, não é o resultado de uma mudança sistemática específica. O livre mercado, a globalização, o neoliberalismo e o estado de bem-estar social, cada qual desempenhou seu papel na formação do novo individualismo e, como ele próprio afirma, "criadas sob a égide do coletivismo, as instituições de bem-estar ajudaram a libertar os indivíduos de algumas das imobilidades do passado" (GIDDENS, 1998, p. 36). Giddens evidencia que a nova forma de individualização deva ser considerada como uma transição de códigos morais em vez de um elemento de decadência moral. Ele sugere que é preciso abraçar de forma proativa essa mudança de responsabilidade para construir um novo meio de solidariedade social e coletivismo à luz de nossa autonomia individualista: "todos nós temos que viver de uma forma mais aberta e reflexiva do que as gerações anteriores. Essa mudança não é apenas benéfica: novas preocupações e ansiedades vêm à tona. Mas muitas outras possibilidades positivas também" (GIDDENS, 1998, p.37). Dada a positividade do ponto de vista de Giddens sobre a individualização da segunda modernidade, nada resta

para o indivíduo, exceto oportunidades futuras para construir suas biografias "faça você mesmo".

No entanto, como sugere Furedi (2002, p. 175), o medo pode ser positivo ou negativo em diferentes circunstâncias. Se uma nação se apega às suas ideias cínicas em relação às suas condições sociopolíticas, não vai chegar definitivamente a um estatuto melhor, pois "a crítica cínica não fortalece o pensamento crítico". Para fazer do medo um elemento positivo, as pessoas devem estar cientes da essência e das raízes de seus temores e começar a criticar as circunstâncias que o causam. Conforme mencionado, Giddens (1998) defende que o indivíduo deve ser capaz de se envolver positivamente com as dificuldades que surgem e afetam sua perspectiva de um futuro melhor. Uma geração que reconhece os temores de sua sociedade e se empenha em encontrar formas construtivas de enfrentá-los pode desenvolver a coragem necessária para lidar com essas questões. Esse engajamento consciente permite, antes de tudo, que o indivíduo tome ciência dos diversos riscos que enfrenta, os quais frequentemente induzem uma visão pessimista sobre o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstrado nesta pesquisa, as mudanças nas circunstâncias sociais e globais levaram Beck, Giddens e Furedi a elaborar novos conceitos, como sociedade de risco e cultura do medo, para fomentar o engajamento crítico concernente às circunstâncias socioeconômicas radicalmente transformadas do início da década de 1990. Estudos sobre riscos e incertezas são importantes para a construção de respostas a esse clima social controverso e que apresenta adversidades cada vez mais complexas. Em meio às circunstâncias que cercam a modernidade reflexiva, tema discutido neste artigo, acredita-se que o indivíduo está emaranhado no contexto de escolhas múltiplas para criar uma identidade modificada, que pode sobreviver em um novo mundo social. Este novo mundo social é definido principalmente por ideologias de consumo, de riscos sociais e globais, medos e inseguranças na vida cotidiana e futuros incertos. As últimas décadas descortinou uma perda do espírito humano e a pouca confiança em instigar o próprio futuro. Essa falta de confiança reflete a pouca capacidade das pessoas em lidar e enfrentar seus problemas. Simultaneamente, há uma tendência de se aumentar os perigos a serem enfrentados. Dessa

forma, o medo torna-se a resposta padrão para a incerteza. A comprovação desse frequente sentimento de medo é o fato de que fala-se de medo o tempo todo.

Constata-se que a temática deste artigo, para além do debate acadêmico, se constitui de um debate social mundial, relacionado com o desenvolvimento da sociedade, principalmente com o público jovem, os quais são impactados diretamente pela globalização. A globalização trouxe consigo fenômenos que influenciaram nos aspectos íntimos e pessoais da vida das pessoas. Trouxe a tona debates sobre os valores da família, que está acontecendo em muitos países, pode parecer muito distante das influências globalizantes, mas não é. Sistemas familiares tradicionais estão se transformando, ou estão sob pressão, em muitas partes do mundo, especialmente porque as mulheres reivindicam maior igualdade. Conforme mencionado por Giddens, nunca houve uma sociedade em que as mulheres fossem aproximadamente iguais aos homens. Esta é uma revolução verdadeiramente global na vida cotidiana, cujas consequências estão sendo sentidas em todo o mundo.

Na sociedade de risco, discutido por Beck (2011) e Giddens (1991), as formas tradicionais de apoio da família e dos amigos, são dissolvidas em novas formas de esforço constante individualizado na vida diária. Portanto, os jovens, principalmente de origem da classe trabalhadora, ou classe média baixa, lutam por oportunidades de trabalho muitas vezes arriscados, sofrem com a falta de apoio da família, que por sua vez também estão envolvidas nas lutas econômicas diárias. Essa geração, enfrenta problemas psicológicos, ansiedade, angústia, depressão e conflitos mentais, que são impulsionadas por um cenário de incertezas, inseguranças e instabilidades. Além disso, com o colapso das estruturas sociais tradicionais, como: família, vizinhança, casamento, onde o indivíduo precisa desesperadamente fortalecer sua capacidade de sustentar o *status* social e o poder que antes possuía, e com isso, novas formas de cultura são introduzidas, para ajudar o indivíduo a sobreviver. A modernidade tardia, funciona como um processo de diferenciação, de individualização e também de fragmentação. Beck em seu último livro, *The metamorphosis of the World - A metamorfose do mundo* (publicação póstuma em setembro de 2016), indica que nosso mundo está indo além da noção de sociedade de risco, entrando na fase de metamorfose. Ele afirma ainda que, para se compreender totalmente esse processo de

metamorfose, faz-se necessário experimentar e examinar os resultados que estão surgindo de velhas estruturas e conceitos.

REFERÊNCIAS

ARNOLDI, J. Risk: An Introduction. Cambridge. Polity Press, 2009.

BECK, U. World risk society. Cambridge. Polity Press, 1999.

_____. Sociedade de risco: Rumo a uma nova modernidade. São Paulo. Editora 34, 2011.

_____. A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade. São Paulo. Zahar, 2018.

_____; **BECK-GERNSHEIM, E.** Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences. London. Sage Publications, 2002.

_____; **GIDDENS, A.; LASCH, S.** Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo. UNESP, 1997.

_____; **GRANDE, E.** Cosmopolitan Europe. Cambridge. Polity Press, 2007.

FUREDI, F. Culture of fear: Risk-Taking and the Morality of Low Expectation. London - New York. Continuum, 2002.

_____. Therapy culture: Cultivating Vulnerability in an Uncertain Age. London. Routledge, 2004.

_____. Politics of Fear. London. Continuum, 2005.

_____. Culture of Fear Revisited. London: Continuum, 2006.

GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo. Unesp, 1990.

_____. Modernity and self-identity: Self and Society in the Late Modern Age. London. Polity Press, 1991. 256 p.

_____. The third way: The renewal of social democracy. London: John Wiley & Sons, 1998. 176 p.

_____. Risk and Responsibility. Modern Law Review, v. 62, n. 1, p. 1-10, 1999.
<https://doi.org/10.1111/1468-2230.00188>

_____. Runaway world: How Globalisation Is Reshaping Our Lives. London. Routledge, 2002. 138 p.

_____. Mundo em descontrolo: O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro. Record, 2007. 108 p.